

## **EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM AMBIENTES UNIVERSITÁRIOS: ANÁLISE DE UM PARQUE CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**

**RAFAEL DOS PASSOS MEDEIROS JUNIOR**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)

**JULIANE BORGES RAMOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)

**LIZIANE ROLL MADRUGA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)

**CRISTIANE GULARTE QUINTANA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)

Agradecimento à orgão de fomento:

FAPERGS e CAPES

# EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM AMBIENTES UNIVERSITÁRIOS: ANÁLISE DE UM PARQUE CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

## 1. INTRODUÇÃO

No Brasil o empreendedorismo é reconhecido como fomentador de progresso econômico e social, visto que instiga a geração de emprego e renda, auxilia em elucidar fatores sociais e incentiva a prosperidade local (Corsino & Marini, 2019). Afirma-se a sua relevância para os brasileiros, já que cerca de 67% da população brasileira possui relação com o empreendedorismo, sendo ela no seu próprio negócio, ou na intenção de criar um empreendimento (ASN, 2023).

Portanto, percebe-se a pertinência da integração da Educação Empreendedora (EE) dentro dos ensinamentos, já que de acordo com o estudo realizado por Guerrero *et al.*, (2020) é observado a influência da EE para as escolhas profissionais dos graduandos. Outrossim, ela habilita os discentes à criação de empreendimentos estudantis, startups, na inovação dentro das empresas e gerando desenvolvimento social e econômico (Lima *et al.*, 2015; Nabi *et al.*, 2015). Assim, a EE educa de maneira distinta, desenvolvendo mentalidades críticas com foco na transformação do conhecimento e das experiências em resultados práticos (CER, 2022).

Ademais, ela apura a necessidade de um entorno que facilite e auxilie a criação do desejo de empreender (Lima *et al.*, 2015). Também, é necessário modificar os métodos utilizados para o seu ensino, uma vez que a construção do empreendedorismo é um processo complexo, sendo fundamental perspectivas inexploradas nas universidades tradicionais (Guimarães & Santos, 2020). Assim, um aspecto vital para a EE é a experiência prática, permitindo uma solidificação do empreendedorismo nos discentes, cabe destacar que essa vivência está no cerne dos objetivos dos Parques Científicos e Tecnológicos (PCT) (Schaefer & Minello, 2016).

Destarte, concebe-se que os Parques Científicos e Tecnológicos são organizações que têm como objetivo estimular as empresas com o foco em atividades inovadoras, para tal prestam diversos apoios para elas, sendo esses logístico, gerencial ou/e tecnológico (ANPROTEC, 2023). Além disso, outra definição é a de instituições que têm o intuito de desenvolver a economia local, utilizando o fomento da cultura de inovação e da competição entre as companhias (IASP, 2023).

Conseqüente, a inovação é o núcleo da conceituação dos PCT's, visto que ela é criada a partir dos procedimentos internos de cada esfera e pela correlação entre as três esferas, sendo elas: governo, universidade e empresas (Pique & Audy, 2016). Porém, a inovação pode ser vista como a implementação de novas ideias em uma determinada conjuntura (Audy, 2017). Logo, entende-se a importância da EE em uma universidade e compreende-se a relevância da universidade empreendedora no âmago da sociedade, visto que ambos incentivam a inovação (Ruiz & Martens, 2019).

Para a edificação de uma universidade empreendedora é necessária uma mudança dentro da instituição, introduzindo a EE dentro e fora das salas de aula, auxiliando os professores à criação de métodos de ensino dinâmicos, que instiguem o empreendedorismo e a conexão entre a instituição de ensino e as empresas existentes (Bruschi *et al.*, 2023). Como por exemplo a criação de um PCT que facilite o intermédio entre as empresas e a universidade, ocasionando em um ambiente propício para a EE (Pique & Audy, 2016; Schaefer & Minello, 2016).

Diante do exposto, surge a seguinte questão de pesquisa: **Como um Parque Científico e Tecnológico promove a Educação Empreendedora dentro de uma universidade federal?** Esta pesquisa tem como objetivo analisar como o Parque Científico e Tecnológico promove a Educação Empreendedora em uma Instituição Ensino Superior (IES) federal, na região sul do Brasil.

A EE não é relevante somente para empreendedores, como também para a geração de valor, tecnologia e inovação de um país (Silva *et al.*, 2021). Tendo em vista a perspectiva mencionada, justifica-se esse estudo pela necessidade de entendimento das estratégias de ensino e políticas educacionais de uma universidade (Lopes *et al.*, 2021) e pela relevância dos PCT's no fomento de empreendimentos locais, na intermediação da inovação e como um intercessor entre as três hélices (Martins *et al.*, 2020; Moreira *et al.*, 2022; Santos, 2022), uma vez que estes fatores impulsionam o desenvolvimento econômico e social (Schaefer & Minello, 2016).

Como contribuição espera-se que o estudo possibilite: (i) Colaborar para a discussão de estudos científicos sobre a EE; (ii) Evidenciar a necessidade de criação de novas políticas públicas, que envolvam a promoção de PCT's nas universidades; (iii) Demonstrar caminhos para a transformação da universidade tradicional para uma universidade empreendedora.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Educação Empreendedora (EE)**

De acordo com Kuratko (2005), o mito que os empreendedores nascem com as qualidades para tal foi desmascarado, concretizando a possibilidade da criação do empreendedor por meio do ensino sobre o empreendedorismo. Com isso, percebe-se o valor da EE, visto que se torna o ensinamento e a capacitação dos discentes para as atividades empreendedoras (Lima *et al.*, 2014; Oliveira *et al.*, 2016).

A importância da EE para as economias emergentes é reconhecida em diversos países, já que forma empreendedores e estes criam novos empreendimentos, ou inovam nas empresas que participam (Lima *et al.*, 2015; Uliani, 2018). Ademais, as discussões sobre o assunto se tornaram pauta para a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) em diversos anos, sendo traçado quatro pontos principais para a evolução da EE: (a) inclusão do empreendedorismo na formação; (b) desenvolvimento curricular; (c) desenvolvimento de professores; e (d) envolvimento com o sector privado (UNCTAD, 2011).

No Brasil, possibilitar a capacitação de uma maior proporção da população no desenvolvimento do seu potencial empreendedor é benéfico para o sistema socioeconômico (Schaefer & Minello, 2016). Da mesma forma, a EE é capaz de qualificar jovens inovadores e proativos para as novas necessidades da área acadêmica ou empresarial (Guimarães & Santos, 2020; Schaefer & Minello, 2020).

A EE habilita os acadêmicos a tomada de decisão em oportunidades de negócio, além de ser capaz de melhorar a capacidade analítica e de resolução de problemas (Andrade & Sato, 2019). Assim, o ensino pela experiência se torna vital para a formação empreendedora, visto que conecta o universitário com o mundo de negócios e os introduz ao planejamento de negócios, exercícios de negociação e para a criação de novas oportunidades (Oliveira *et al.*, 2016; Araujo & Davel, 2018; Uliani, 2018).

Dessa forma, entende-se a necessidade dos PCT's dentro das IES, auxiliando na correlação entre a universidade, governo e as empresas (Piqué & Audy, 2016), proporcionando maiores possibilidades para a evolução empreendedora dos discentes. Assim, ressalta-se o valor da EE fora da sala de aula, sendo disposto em incubadoras, PCT's e outras ações propostas pela universidade, chegando no conceito de uma "universidade empreendedora" (Schaefer & Minello, 2016).

### **2.2 Universidade Empreendedora**

Pode-se entender por universidade empreendedora a instituição que tem como missão o ensino, a pesquisa e a estimulação da economia por meio de diferentes recursos e métodos (Cristofolletti & Serafim, 2017; Franz *et al.*, 2020). As universidades empreendedoras requerem uma política adequada à EE, já que é por meio dela que é construído um local propício ao empreendedorismo (Silva *et al.*, 2021). Além disso, o instituto tem o foco de desenvolver as

habilidades dos alunos por meio do incentivo do pensamento empreendedor, Projeto Pedagógico de Curso hábil para atividades empreendedoras, através do estímulo ao crescimento econômico e da estimulação do capital humano (Andrade & Sato, 2019).

Percebe-se que há necessidade de uma articulação entre a universidade e as empresas, já que essas parcerias desenvolvem inovações e suas possíveis aplicações no contexto empresarial, assim ocasionando um crescimento econômico, social e cultural (Cristofolletti & Serafim, 2017; Segatto-Mendes & Mendes, 2006). Para tal, observa-se a primordialidade da inserção da universidade no meio empreendedor, visto que essas instituições estão relacionadas diretamente aos ecossistemas empreendedores (Malecki, 2018). Com isso, entende-se que uma universidade que atue estabelecendo conexões entre os indivíduos, formulando planos regionais, métodos para modificar costumes locais e as políticas do seu país é primordial (Raagmaa & Keerberg, 2016).

Ademais, a introdução ao conceito do PCT é significativa, já que ele fomenta a articulação entre os indivíduos e incentiva a inovação aberta, ocasionada pela conexão de diferentes tipos de pessoas, como investidores, empreendedores, pesquisadores, grandes e pequenas empresas (Santos, 2022). Outrossim, eles são elaborados próximos a universidades, visto que as empresas incubadas, posteriormente, precisarão de conhecimentos específicos para o seu progresso tecnológico (Soberón *et al.*, 2020).

Dessa forma, o desenvolvimento regional pode ser ocasionado pela instalação de um PCT devido ao agrupamento de empresas de pequeno e médio porte, que aumentam a geração de emprego e são focadas na inovação, que em virtude da sua proximidade geográfica conseguem alavancar a inovação, o empreendedorismo e por necessitar de mão de obra qualificada acarreta o fortalecimento da escolaridade local (Pereira *et al.*, 2016; Soberón *et al.*, 2020).

### **2.3 Estudos anteriores sobre Parque Científico e Tecnológico**

O estudo de Feil e Conto (2018) possuiu como propósito analisar criticamente o alinhamento entre os princípios das empresas e dos gestores do Parque Tecnológico e da incubadora, com o intuito de compreender tais diferenças de pensamento, para tal foi utilizado uma pesquisa quanti-quali. Assim, chegou-se à conclusão de que ambos têm os mesmos pensamentos sobre as perspectivas futuras, reconhecem a importância da estrutura para a fomentação das empresas incubadas, entretanto, eles se desalinham quando comentado sobre o apoio disponibilizado, visto que a gestão acredita que existe a colaboração da Hélice Tripla (Governo, universidade e empresas), contudo, os empreendedores não contemplam tal cooperação externa provinda do governo.

Com base no artigo de Martins *et al.* (2020) entende-se a relevância dos Parques Científico e Tecnológicos dentro do desenvolvimento regional, por meio de entrevistas semiestruturadas com os gestores da UNESC e uma análise documental percebeu-se a importância do Parque Científico e Tecnológico para o fomento da economia local. Outrossim, os autores ressaltam que por intermédio dos seus 5 institutos e sua incubadora implementou projetos que concedem serviços de qualidade para instituições privadas ou públicas.

Baseando-se no estudo de Soberón *et al.* (2020), que por meio de entrevistas semiestruturadas com gestores e empreendedores incubados pelo Techpark. A partir disso, concluiu-se que o Techpark auxilia os empreendedores residentes com o necessário para a evolução do seu empreendimento, utilizando-se parcerias com outras firmas nacionais ou internacionais, apoio estatal, mentorias e reuniões.

A pesquisa de Moreira *et al.* (2022), dispôs do objetivo de compreender como o Parque Tecnológico da Paraíba (PaqTcPB) intermedia a inovação em seu ambiente. Assim, utilizou-se uma análise documental complementada por uma observação do participante e entrevistas não estruturadas, para concluir que o PaqTcPB incentiva a inovação, e atua como o facilitador da

mesma, com diversas atividades estimuladoras, como feiras de tecnologia, a incubadora do parque e o aconselhamento para empresas incubadas.

Respaldando-se na tese de Zúñiga (2022), fez um estudo de caso com o Parque Científico e Tecnológico (PCT) Carén da universidade do Chile, com o objetivo de compreender os fatores que levaram outros parques ao sucesso e como poder aplicá-los a outros. Dessa forma, a conclusão da pesquisa foi a necessidade de adaptar o conceito do PCT para cada local, observando a cultura, a educação, a política e outras variáveis desses sistemas.

Fundamentando-se no trabalho de Maioli e Silva (2023) que teve como objetivo a formulação de atividades para a devida implementação de um Parque Tecnológico Internacional na fronteira entre Brasil e Paraguai. Para isso, foram realizadas entrevistas com a sua diretoria. Dessa forma, percebeu-se que existe um baixo engajamento das IES próximas, o alto envolvimento político e a dependência de incentivo público para a economia do parque, sendo um empecilho para caso haja mudança no cenário político de ambos os países. Com isso, formulou-se propostas para a resolução desses problemas, sendo uma delas aumentar o escopo de possíveis investimentos, incentivar as empresas e as instituições públicas por intermédio de projetos.

### **3. METODOLOGIA**

Esta pesquisa é considerada descritiva quanto aos objetivos, que dispõe como seu foco principal a descrição de características, fenômenos ou a correlação entre diferentes fatores (Gil, 2019). Quanto aos procedimentos, é considerado uma pesquisa de campo, de acordo com Yin (2015), o método é relevante quando as questões procuram explicar, de maneira ampla, circunstâncias presentes como fenômenos sociais ou contemporâneos. Relativo à abordagem utilizada esta configura-se como qualitativa.

A referida pesquisa seguiu o estabelecido na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais O estudo está registrado na Plataforma Brasil, com o parecer nº 6.857.184 e CAAE: 79420524.8.0000.5324.

O objeto de pesquisa é o Parque Científico e Tecnológico Universitário, sediado em uma universidade pública federal no sul do Brasil. O referido parque é um espaço com o âmbito de promover a cooperação entre a academia e iniciativas empreendedoras, com o intuito de articular a inovação e a competitividade.

Ademais, faz parte do PCT da referida universidade, uma Incubadora de Empresas de Base Tecnológica, o Escritório de Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia (EPITT), Laboratório de Inovação Aberta – OPENLAB, os Centros de Inovação BioTec (Biotecnologia Marinha), iTEC (Sistemas Robóticos e Automação - Unidade Embrapii) e as Empresas Juniores. A universidade que abriga o objeto de estudo é a 12ª no Ranking de Universidades Empreendedoras de 2021 (Brasil Junior, 2023). Os participantes da pesquisa são o diretor e os coordenadores de estruturas ligadas ao PCT, representando os principais tomadores de decisão do parque.

O instrumento de pesquisa foi um roteiro semiestruturado, sendo realizado entrevistas com o diretor e os coordenadores de estruturas ligadas ao Parque Científico Tecnológico. O referido roteiro está dividido em 2 etapas, sendo a primeira etapa referente ao perfil do entrevistado e a segunda etapa adaptada de Chais (2019) e Alves (2021), contendo 8 questões abertas que visam compreender como o Parque Científico e Tecnológico promove a Educação Empreendedora e como é desenvolvido o ambiente empreendedor por meio da perspectiva dos participantes. As entrevistas foram realizadas pela plataforma de conferência remota *Google*

*Meet* e tiveram uma duração de 50 minutos, em média. Os convites para a participação nas entrevistas foram realizados, após a aprovação pelo Comitê de Ética, via e-mail e *Whatsapp*.

Os dados coletados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, tendo está o intuito de explorar o material manifestado pelo entrevistado de forma objetiva e sistemática com o objetivo de formar e incorporar categorias ao estudo. Para tal, emprega-se três polos essenciais para a elaboração da análise: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos dados, inferência e resultados (Bardin, 2011). Após a coleta, as entrevistas foram transcritas e os dados foram organizados a fim de facilitar a exploração do material. O software Tactiq foi utilizado para transcrição, além de auxiliar na organização e na análise dos dados coletados.

#### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A coleta de dados ocorreu durante os meses de abril e maio de 2024, por meio de entrevistas realizadas com o diretor e os coordenadores de estruturas vinculadas ao Parque Científico e Tecnológico (PCT). Para preservar a privacidade e o anonimato dos participantes envolvidos neste estudo, optou-se por atribuir a cada entrevistado uma identificação única. Dessa forma, ao longo deste trabalho, os entrevistados foram referenciados utilizando uma nomenclatura específica, onde cada participante foi identificado pela letra 'E' seguida de um número correspondente à ordem de realização das entrevistas. Sendo assim, o primeiro entrevistado será referenciado como 'E1', o segundo como 'E2', e assim sucessivamente.

##### 4.1 Perfil dos Participantes

Na etapa inicial das entrevistas, foram realizadas perguntas com o intuito de compreender o perfil dos respondentes. O quadro 1 apresenta as respostas dos entrevistados, fornecendo uma visão das características de cada participante.

Quadro 1 - Perfil dos Participantes

Entrevistado	Idade	Gênero	Concursado	Unidade	Tempo na Universidade (anos)	Cargo/Função
E1	48 anos	M	Sim	C3	20 anos	Formação /gestão de RH
E2	54 anos	M	Sim	ICEAC	14 anos	Empreendedorismo e incubação de empresa
E3	50 anos	M	Sim	ICEAC	21 anos	Diretor
E4	43 anos	F	Professora visitante	PROITI	10 anos	Inovação
E5	53 anos	M	Sim	C3	12 anos	Escritório de propriedade intelectual

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

O Quadro 1 apresenta o perfil dos entrevistados que participaram da pesquisa. Os entrevistados foram designados como E1, E2, E3, E4 e E5 para preservar o anonimato. A idade dos entrevistados varia de 43 a 54 anos, com uma média de 49,6 anos. Quatro dos entrevistados são do gênero masculino, enquanto um é do gênero feminino, percebe-se uma predominância masculina na coordenação e direção do PCT, indo ao encontro com os achados de Nogueira (2006), em seu artigo é evidenciado que quanto maior o nível de hierarquia de um cargo, menor é o número de mulheres exercendo tal função.

Assim, quatro dos entrevistados são concursados com dedicação exclusiva e um(a) é professor(a) visitante, e todos têm uma longa experiência na universidade, variando de 10 a 21 anos. Suas afiliações incluem unidades como C3 (Centro de Ciências Computacionais), ICEAC (Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis) e PROITI (Pró-Reitoria de Inovação e Tecnologia da Informação). Quanto às funções no Parque Científico e Tecnológico (PCT), eles ocupam cargos que variam desde coordenação de empreendedorismo e incubação de empresas até direção e coordenação de inovação e propriedade intelectual.

## 4.2 Categorias de Análise

Na segunda etapa da entrevista, foram abordadas perguntas relacionadas aos objetivos desta pesquisa. O processo de Análise de Conteúdo teve início com a definição de categorias para classificar os itens a serem analisados. Para isso, foram estabelecidas quatro categorias *a priori*, que foram baseadas no referencial teórico exposto no artigo. Assim, cada categoria foi delineada com características específicas, seguindo a abordagem proposta por Bardin (2016), com o propósito de orientar a composição dos elementos categóricos.

Para identificar os Métodos, conforme recomendado por Bardin (2016), foram realizadas a leitura e interpretação das respostas para atender ao objetivo proposto. Quanto à técnica a ser empregada, optou-se por considerar a frequência mais alta e realizar a análise das ocorrências (relações entre os achados de cada categoria). Dessa forma, o Quadro 2 apresenta as palavras indutoras utilizadas na formação das categorias de análise.

Quadro 2 - Categorias de Análise e Palavras Indutoras

Categorias	Palavras indutoras
Percepção da Educação Empreendedora	Capacitação; Formação; Desenvolvimento; Desmistificação do empreendedorismo; Prática.
Iniciativas para a Educação Empreendedora	Eventos; Cursos; Palestras; Treinamentos; Mentorias; <i>Workshops</i> ; <i>Hackathon</i> .
Formação de Redes e Conexões entre Empreendedores	Redes; Apoio; SEBRAE; Participação em Disciplinas.
Desafios na Promoção da Educação Empreendedora	Barreiras; Desafios; Obstáculos; Problemas.

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

### 1ª Categoria: Percepção da Educação Empreendedora

Nesta categoria percebeu-se uma convergência de respostas a respeito da percepção da Educação Empreendedora para a capacitação e para o desenvolvimento na formação estudantil, algo destacado pela fala do E1: “[...]Então, a Educação Empreendedora visa justamente capacitar o estudante [...] em colocar para a sociedade o seu serviço e seus conhecimentos [...]” (E1). Ademais, o respondente E3 salienta a EE como fomentadora de características empreendedoras: “[...] trabalhar com Educação Empreendedora, você tá fomentando nele atitudes de proatividade, de resolução de problema, de enfrentar riscos e de ter resiliência, então são características inerentes ao empreendedor. [...]” (E3).

Ademais, na fala do mesmo, é realçado a desassociação do empreendedor ao empresário, como por exemplo: “[...] A gente tem trabalhado desassociando da ideia do Empreendedor a do empresário[...]a gente entende o empreendedorismo como uma *Skill*, uma competência do profissional, seja ele empresário ou não [...]” (E3). Tal fator foi pautado de maneira similar na resposta do E5, esse que elenca a EE como um fator fundamental para o desenvolvimento profissional de qualquer curso de Ensino Superior: “[...]eu vejo a EE como ela é vital para o desenvolvimento do aluno em qualquer curso e em qualquer área [...] temos que dissociar a questão do empresário e pensar na visão de empreendedorismo mesmo, esse que é empreender em ações [...]” (E5).

Dessa forma, Schaefer e Minello (2020) comentam sobre a necessidade da Educação Empreendedora para todos os cursos dentro de uma universidade, já que essa abordagem educacional fomenta valores e atitudes empreendedoras que podem ser utilizadas em qualquer área de trabalho. Ademais, as respostas vão ao encontro com os resultados demonstrados pela

Uliani (2018), esses que demonstraram que a EE influenciou o âmbito profissional dos seus entrevistados. Além disso, no artigo de Oliveira *et al.* (2016) é evidenciado esse ponto como promotor das características empreendedoras, como o autoconhecimento.

Outrossim, 3 dos 5 entrevistados enfatizaram a importância da Educação Empreendedora ser prática, utilizando-se ferramentas postas pela universidade, ou pelo PCT, a fim de introduzir experiências empreendedoras aos discentes, um exemplo disso foi o comentário do entrevistado E5:

“[...] pensar nessa formação que vai desde conceitos básicos de empreendedorismo, até a compreensão na prática de o que realmente é empreender na prática mesmo [...], mas, às vezes ele também não consegue traduzir isso em prática ou na aplicação forte dos conceitos e às vezes [...] é colocar para que todos os cursos tragam isso no seu dia a dia [...]”. (E5)

Com isso, ensinar sobre o empreendedorismo ultrapassa as modalidades clássicas de instrução, para tal educação é inevitável a aplicação de métodos dinâmicos, experiências e observatórios (Dolabela & Fillon, 2014; Guimarães & Jairo, 2020). Destarte, Lopes *et al.* (2021) reforçam que a EE é uma abordagem prática e experiencial, sendo necessário uma estrutura para sustentar tal método. De maneira similar, Schaefer e Minello (2016) frisaram-na fora da sala de aula, utilizando esse ensino de maneira prática dentro de outras áreas da universidade, como por exemplo dentro de laboratórios disponibilizados pelo PCT.

Por conseguinte, perguntou-se aos entrevistados se eles acreditavam que o Parque Científico e Tecnológico tem o papel de fomentar a Educação Empreendedora dentro da instituição. Dessa forma, 4 dos 5 respondentes afirmaram que era uma responsabilidade do PCT tal incentivo, assim manifestando como é efetuado essa instigação, na sua visão particular. Por exemplo, o exposto pelo E2 e E1, respectivamente:

“[...] Sim [...] acho que a gente traz para dentro desse caminho coletivo junto ao Parque [...] a gente estimula a cultura empreendedora, quem tem interesse pode abrir a sua Startup com o nosso apoio e isso serve para retroalimentar esse ecossistema empreendedor e continuar promovendo a cultura empreendedora focada na parte empresarial [...]” (E2).

“[...] a inclusão de um parque [...] permite a aproximação entre aqueles que formam e aqueles que demandam para essa formação [...] então permitem justamente que estudantes sem informação consigam vivenciar situações reais [...] visto que tu ter empresas, dentro do ecossistema onde uma parte já é Universidade [...] propicia justamente uma melhor formação daquele estudante [...]” (E1).

Dessa forma, percebe-se que em ambas as falas o Parque Científico e Tecnológico aparece como um estimulador e está alinhado com a ideia da Educação Empreendedora. Outrossim, E1 cita os resultados encontrados por Moreira *et al.* (2022), em seus estudos foi relatado que o PCT pesquisado trabalhava na aproximação dos autores do ecossistema empreendedor e, caso necessário, aplicava a preparação para a introdução de novos agentes. Com isso, o parque aliado a esse ponto de vista é capaz de desenvolver a sua região e contribuir para o local provendo serviços de qualidade e com a atração de empresas (Moreira *et al.*, 2022).

Entretanto, o entrevistado E5 afirma que o papel de formação empreendedora recai sobre outras unidades acadêmicas, tornando o Parque Científico e Tecnológico como um autor suplementar a essa formação, como por exemplo: “[...] o parque o papel dele principal, que eu enxergo, é muito mais a conexão de pesquisa, conexão de transferência de tecnologia da Universidade, a questão de atração de negócios do que a função de formação empreendedora[...]”. Dessa forma, ele comenta que é possível existir uma EE sem a existência do parque e que o foco de quem entra nele não é essa formação: “[...] as pessoas que entram elas não recebem uma formação [...] elas vêm outros empreendedores e aprendem tacitamente, mas a empreender negócios, a pensar negócios e muitas vezes não tem uma formação verdadeiramente empreendedora. [...]” (E5).



Assim, baseando-se nas falas chegou-se uma nova percepção de Educação Empreendedora, como sendo uma formação essencial nas universidades, já que ultrapassa as áreas das ciências sociais aplicadas e da simples geração de produtos, incluindo a prestação de serviços e a resolução de problemas sociais. Dessa forma, capacita-se os estudantes a aplicar seus conhecimentos de forma prática e crítica, aprimorando o desenvolvimento de habilidades como proatividade, resiliência, aceitação de riscos e resolução de problemas. Prepara os alunos para o mercado de trabalho e para a criação de empresas, promovendo uma atitude empreendedora que pode gerar empregos e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico.

## **2ª Categoria: Iniciativas para a Educação Empreendedora**

Na intenção de verificar as iniciativas da Educação Empreendedora, os entrevistados foram questionados quanto à oferta de cursos e treinamentos, eventos e experiências empreendedoras. Os entrevistados citaram diversas atividades e ações, na qual o E3 destaca: “[...] a gente faz diversos eventos, oficinas, workshops e palestras das mais variadas formas, trabalhando com *Soft Skills*, trabalhando com temas específicos [...]” (E3), a seguir o mesmo entrevistado ainda complementa: “[...] a gente apoia um grande evento aqui na cidade, para o Ensino Médio e Ensino Fundamental público junto com... é uma ação da prefeitura que se chama CRIA RG, em 2022 foram 700 e jovens em 2023 [...]” (E3).

Outros eventos como os *hackathons*, foram destacados nas falas do E1 e E2, respectivamente:

“[...] *hackathons* é um espaço superimportante, onde tu colocas casos aí de dois ou três dias, coloca um problema e resolução desses problemas em dois a três dias então casos vindos inclusive de demandas do mercado e onde o estudante é inserido numa equipe que precisa resolver esse problema nesse período curto, sendo essas outras possibilidades para cursos de capacitação [...]” (E1).

“[...] acredito que devemos ter ofertado desde uma atividade de uma, duas, três, quatro ou 40 horas, como são trilhas empreendedoras e *hackathons*. Então podem ser atividades curtas e mais longas [...] cerca de 200 atividades já foram realizadas. [...]” (E2).

Diante destes achados, percebe-se o esforço local na promoção da Educação Empreendedora. Conforme destacado por Lima *et al.* (2014), a EE é fundamental para capacitar os discentes em atividades empreendedoras. Além disso, como apontado por Andrade e Sato (2019), a EE habilita os acadêmicos a tomar decisões em oportunidades de negócio, melhorando suas capacidades analíticas e de resolução de problemas, o que impacta positivamente em todas as suas atividades.

Outrossim, foram destacadas diversas outras iniciativas voltadas para a promoção da Educação Empreendedora. A Figura 1, apresentada abaixo, exibe uma nuvem de palavras no software Atlas.ti com os termos mais mencionados pelos participantes, proporcionando uma representação visual das principais iniciativas identificadas.

Figura 1: Iniciativas da Promoção da Educação Empreendedora



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Conforme observado na Figura 1, as iniciativas mencionadas pelos participantes incluem eventos, *workshops*, *hackathon*, cursos, palestras, treinamentos, oficinas, mentorias, *design thinking*, trilhas empreendedoras, pré-incubação. Esses termos destacam as principais ações promovidas pelo PCT para fomentar a educação empreendedora, refletindo o enfoque em oferecer variadas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento para os discentes. Estas iniciativas promovem o ensino pela experiência que, conforme afirmam Araujo e Davel, (2018) e Uliani (2018) são importantes para a formação empreendedora, tendo em vista que conecta e introduz o estudante no universo dos negócios.

### 3ª Categoria: Formação de Redes e Conexões entre Empreendedores

De maneira geral, todos os entrevistados afirmaram que o PCT incentiva a formação de redes e conexões empreendedores. Ademais, o E2 expôs que alguns eventos promovidos pelo Parque abordam tal temática, como por exemplo:

“[...]o Demoday, [...] onde cada *Startup* apresenta seu modelo de negócio [...] um movimento que eu participei que é o *Ocean Valley*[...] agrega um conjunto de pessoas que é além da universidade [...] para que promovam a inovação[...] a maior parte das nossas startups estão vinculadas a esse movimento [...]” (E2)

Em consonância ao elencado acima, o E5 redige sobre o OceanValley: “o nosso movimento aqui concentra essa interação com os principais empresários de startups. [...] o pessoal que está realmente motivado em movimentar a economia local [...]”. Outrossim, o E3 elenca que o PCT acolhe, participa e participou de diversas redes de empreendedores internos e externos da universidade: “[...] a gente incentiva essas redes, a gente acolhe muito essas redes, muito da cidade, não só de quem tá dentro, mas das empresas da cidade utilizam PCT também participo de diversas redes, organizações da cidade[...]” (E3).

Em suma, é perceptível que existe a fomentação e a participação do PCT nas redes e conexões entre empreendedores locais, assim evidencia-se a capacidade do Parque Científico e Tecnológico de desenvolver a região que está exposto, visto que torna mais fácil a conexão entre empresa, universidade e governo, conectando a demanda e a oferta da sociedade (Pereira *et al.*, 2016). Tal fator é relatado pela visão do E1, esse que acentua a unidade Embrapii, sendo uma repartição do parque, como uma simplificadora dessa relação entre as 3 hélices:

“[...] Embrapii, ela oportuniza que essas hélices estejam todas inseridas dentro de um órgão governamental, [...] aproxima a universidade, que são aquelas que têm uma

competência na geração de recursos humanos, e aproxima a demanda de mercado [...] (E1).

Dessa forma, o PCT disponibiliza uma conexão entre o Estado, Universidade e Empresas, tornando a faculdade o centro do ecossistema empreendedor, sendo essa uma condição essencial para o desenvolvimento desse ambiente (Malecki, 2018). Da mesma maneira, o parque é uma ferramenta que deve ser utilizada a fim de promover o progresso da inovação regional, de auxiliar projetos acadêmicos e na difusão de experiências empreendedoras, internas e externas (Martins *et al.*, 2020). Ademais, é vital a correlação entre as universidades e os atores locais para que exista um desenvolvimento do Ecossistema Empreendedor e a promoção da cultura empreendedora (Brem & Radziwon, 2017).

Outrossim, uma parceria entre as três partes desse ecossistema é vital para que exista a promoção da Educação Empreendedora, com base nisso lhes foi questionado se existem parcerias que tenham o intuito de apoiar a EE. Entretanto, 4 dos 5 entrevistados comentaram que não existe uma parceria com esse foco atualmente, como destaca a fala de E3 e E4, respectivamente: “[...] ligado à educação empreendedora, nós tínhamos com o SEBRAE, muito forte com SEBRAE, hoje em dia não tem essa conexão [...]” (E3). “[...] não existe uma empresa que financie essa educação empreendedora diretamente, ‘vamos promover um programa de desenvolvimento de educação empreendedora’, isso não tem [...]” (E4).

Com base no exposto, existia uma conexão direta entre o SEBRAE e o parque, esse vínculo foi mais bem elaborado pelo E3 que gesticulou a existência de uma trilha empreendedora partilhada com o SEBRAE:

“[...] todo início de ano os analistas do SEBRAE nos chamavam para conversar e comentavam sobre as suas propostas de educação empreendedora com esses valores, ou com essas regras aqui, por exemplo, os recursos financeiros eram dados em número de alunos atendidos e tal. E, a gente, juntamente com eles, estruturamos uma trilha, uma programação para o ano, palestras, eventos e oficinas [...]” (E3)

Em adição, o E5 expõe que o SEBRAE foi um parceiro significativo na promoção da Educação Empreendedora: “[...] o SEBRAE é o único parceiro oficial que a gente tem [...] são valores significativos que permitem fazer treinamento, trazer palestrante, organizar eventos e conduzir os processos de incubação[...]

” (E5). Todavia, o mesmo aponta outros sócios desse incentivo empreendedor, mesmo escassos, como por exemplo: “[...] outrossim, o Sicredi já foi um ou outro evento, mas não substancialmente, digamos assim.[...]”.

Com base no exposto, pode-se conceber a deficiência de apoio por parte governamental, privada e universitária com relação à promoção da Educação Empreendedora, visto que, de acordo com os entrevistados, apenas o SEBRAE incentivou de forma mais efetiva essas ações. Tal adversidade, também, foi relatada pelos pesquisadores Maioli e Silva (2023), eles apresentaram a falta de apoio para as atividades do Parque, sendo recorrente e que bloqueava diversas ações de inovação e empreendedorismo.

Outro ponto relevante da pesquisa foi sobre como é feita a interação do Parque Científico e Tecnológico com a universidade que está instalado. Assim, em vista das diferenças de cargos dos nossos entrevistados suas respostas foram diversas. Entretanto, houve um consentimento sobre a conexão intrínseca do PCT e sua universidade, como o relato de E3: “[...] o parque é 100% da universidade, a gente vive na universidade o dia inteiro, somos oriundos da universidade, professores da universidade e técnicos da universidade. [...]” (E3). Ademais, complementa-se o comentário anterior com a fala do E1:

“[...] nas posições de conselho dentro da Pró-Reitoria de inovação do Parque, e da própria unidade, tem membros de vários espaços da universidade e do Parque também,

diretor do Parque, coordenadores que fazem parte e coordenadores que fazem parte desse conselho. [...]” (E1)

Em vista disso, essa correlação é essencial para que exista uma gestão centrada em inovação e na cultura empreendedora, para que assim as universidades consigam gerir seus três pilares principais, sendo eles educar, pesquisar e empreender (Chais, 2019). Além disso, um Parque Científico e Tecnológico universitário mitiga os empecilhos relatados por Collarino e Torkomian (2017), visto que eles relatam que os PCT não são o suficiente para criar empreendimentos, já que eles apenas disponibilizam o espaço físico, já que é essencial o apoio financeiro e científico disposto pela faculdade, com o intuito de facilitar o progresso desses negócios.

Ademais, os entrevistados 2 e 3 convergiram em seus comentários, ambos expuseram o vínculo direto do parque com os cursos disponíveis pela universidade, como o citado, respectivamente:

“[...] a gente costuma ir muito nas disciplinas que tratam alguma coisa relacionadas às áreas de empreendedorismo de inovação [...] às vezes isso pode ser mais efetivo do que a gente ofertar um curso, por exemplo. Por incrível que pareça isso é muito efetivo [...]” (E2).

“[...] a gente faz quando dá, a gente faz quando nos chamam, então a escola de medicina nos chama para uma palestra lá, a gente vai lá [...]” (E3).

Com isso, evidencia-se a integração entre o Parque Científico e Tecnológico e a sala de aula, incentivando a Educação Empreendedora de maneira direta, assim desenvolvendo a formação desses discentes e tornando-os mais suscetíveis ao empreendedorismo (Andrade & Sato, 2019). Além disso, introduzir esse tema aos alunos viabiliza a observação de oportunidades futuras e a aprimorar as suas habilidades para o mundo de negócio (Oliveira *et al.* 2016). Outrossim, ressalta-se o valor de cursos, aulas e palestras desse mote dentro da academia (Schaefer & Minello, 2016).

#### **4ª Categoria: Desafios na Promoção da Educação Empreendedora**

Ao analisar as respostas dos participantes sobre os desafios na promoção da educação empreendedora, fica evidente que há várias barreiras significativas, como a deficiência de recursos financeiros e humanos, escassez de planejamento, carência de comunicação com o exterior do PCT e o precariedade do relacionamento entre a universidade e o setor empresarial da cidade.

No entanto, os entrevistados não forneceram respostas específicas às dificuldades eles destacaram desafios gerais que impactam a promoção da Educação Empreendedora, com ênfase em recursos e comunicação. Os principais desafios mencionados incluem a falta de recursos financeiros e humanos. O E3 enfatizou a escassez de pessoal e fundos: “[...] faltam recursos financeiros e falta equipe, nós somos muito poucos, nós somos seis pessoas no parque, contando Parque, Incubadora e tudo [...]”. O E3 continuou: “[...] se tu me perguntar assim, se nós gostaríamos, se nós tivéssemos mais pessoas, se nós tivéssemos mais recursos, eu gostaria de ter, por exemplo, todo um planejamento de interação mais objetiva [...]” (E3).

Além disso, a escassez de planejamento estruturado também foi identificada como um obstáculo, conforme mencionado novamente pelo E3 “[...] é quando acontece, mas não é uma coisa estruturada, porque a gente não tem nem grana para fazer isso e muito menos equipe para fazer isso [...]” (E3).

Por conseguinte, planejamento estruturado e a carência financeira, foram relatados, também, na tese de Santos (2022), sendo pautados como dificuldades essenciais para o

desenvolvimento do Parque e do ambiente em que ele está localizado. Outrossim, um dos objetivos primordiais do PCT é promover as suas ações e capacidades para o público, (Piqué & Audy, 2016), tal fator, de acordo com os entrevistados, é deixado de lado, tornando-se um obstáculo para esse propósito.

Outro desafio significativo é a comunicação. O E4 ressaltou a importância de melhorar a comunicação entre o parque, as empresas e a universidade: “[...] a barreira eu acho que a principal é talvez a comunicação, é chegar nessas empresas, é dizer o que que a gente faz na universidade, é dizer o que que acontece dentro do parque, o que que o parque é capaz, é dizer o que que é possível fazer [...]” (E4).

O E3 também mencionou um desafio relativo ao relacionamento entre a universidade e o setor empresarial da cidade:

“[...] outra barreira que acontece, e tem acontecido de certa forma tinha melhorado, mas agora nesse ano em específico tem tido alguns ruídos e piorados é essa relação na cidade com o setor empresarial. [...] essa também é uma barreira, que faz com que as redes que deveriam se formar e serem mais fortes acabem se fragilizando [...]” (E3).

Além disso, a comunicação ineficaz entre o parque, empresas e universidade dificulta a divulgação das atividades e capacidades, exacerbando a tensão entre a universidade pública e o setor empresarial, o que fragiliza as redes de colaboração. Abordar esses desafios requer mais recursos, planejamento estratégico e melhoria nos canais de comunicação, além de reduzir tensões políticas. Essa análise se alinha com os achados de Maioli & Silva (2023), que identificaram a participação da iniciativa privada como um principal desafio para o crescimento do parque.

Eles apontam que estratégias devem ser formuladas com a intenção de atrair o interesse de investidores e que para a consolidação de parcerias institucionais e financeiras governamentais, para assim demonstrar segurança às empresas investidoras, gerando fortalecimento para o Parque (Maioli & Silva 2023). Portanto, resolver os problemas de comunicação e desenvolver parcerias robustas são essenciais para criar um ambiente favorável ao investimento e ao desenvolvimento sustentável do PCT.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve o objetivo de analisar como o Parque Científico e Tecnológico promove a Educação Empreendedora em uma Instituição de Ensino Superior federal, na região sul do Brasil. Este objetivo foi contemplado a partir da análise das falas dos entrevistados, nas quais foi possível perceber que a integração entre a universidade e o parque tecnológico desempenha um papel fundamental na formação empreendedora dos estudantes.

As atividades promovidas pelo parque, como *workshops*, *hackathons*, cursos, palestras, oficinas, mentorias, trilhas empreendedoras e pré-incubação, foram mencionadas como eventos de *networking* que estimulam a criação de novos negócios e a aplicação prática dos conhecimentos, proporcionando uma abordagem mais prática e experiencial da educação empreendedora.

Ao final do presente trabalho, conclui-se que o Parque Científico e Tecnológico da instituição estudada efetivamente promove a Educação Empreendedora, proporcionando um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades empreendedoras. Dessa forma, os achados deste estudo respondem de maneira objetiva à pergunta de pesquisa proposta, mostrando como os parques tecnológicos podem atuar como agentes facilitadores do espírito empreendedor dentro de universidades federais (Schaefer & Minello, 2016).

Destaca-se também o suporte oferecido pelo PCT em termos de infraestrutura física e recursos, que cria um espaço favorável para a aprendizagem empreendedora e para o desenvolvimento das startups. Os estudantes têm a oportunidade de interagir com empreendedores, participar de projetos reais e desenvolver habilidades essenciais para o

mercado de trabalho, como a inovação, a criatividade e a capacidade de resolver problemas complexos.

No entanto, os entrevistados apontaram restrições de recursos financeiros e de pessoal como desafios significativos que podem comprometer o pleno potencial das iniciativas empreendedoras promovidas pelo parque, como por exemplo a Educação Empreendedora. Esses desafios ressaltam a necessidade de uma conexão mais forte entre universidade, governo e empresas, a chamada tríplice hélice, para superar essas limitações e maximizar o impacto das iniciativas empreendedoras (Piqué & Audy, 2016).

Ademais, a comunicação entre o PCT e os seus *stakeholders* é carente, pois falta uma interação direta com empresas e universidades em potencial para parcerias e um diálogo interno com a comunidade ao redor da instituição. Melhorar esses canais de comunicação é fundamental para engajar a sociedade nas atividades propostas pelo parque, assim como promover ações específicas sobre a educação empreendedora dentro do parque, facilitando a entrada de novos negócios e o envolvimento das pessoas da região. Adicionalmente, é essencial demonstrar as capacidades do PCT, tanto de suas divisões quanto dos espaços que oferece (Santos, 2022).

No entanto, este estudo tem como contribuição a compreensão do papel dos Parques Científicos e Tecnológicos na promoção da Educação Empreendedora. Ao integrar os conceitos sobre Educação Empreendedora com a prática observada no Parque Tecnológico, este trabalho amplia o entendimento sobre como essas instituições podem atuar como catalisadores do espírito empreendedor nas IES. Além disso, a pesquisa adiciona ao corpo de conhecimento existente, fornecendo evidências empíricas sobre a eficácia das iniciativas de empreendedorismo promovidas em parcerias entre universidade e empresas, mas destaca que ainda é incipiente o desenvolvimento da Educação Empreendedora no parque.

Em termos práticos, este estudo e seus achados permitem orientar gestores de parques tecnológicos e instituições de ensino superior sobre as melhores práticas para promover a Educação Empreendedora. Atividades como workshops, mentorias e eventos de *networking* podem ser adotadas como estratégias eficazes para estimular a criação de novos negócios e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos pelos estudantes.

Como limitação do estudo, destaca-se que foi delimitada a amostra restrita de participantes de um único PCT. Consequentemente, os resultados obtidos não podem ser estendidos diretamente para outros parques. Embora os participantes tenham fornecido contribuições valiosas, a generalização dos resultados para outras instituições de ensino ou regiões geográficas pode ser limitada.

Como sugestão de pesquisas futuras, propõe-se a realização de estudos comparativos entre diferentes PCTs em diversas regiões do Brasil, a fim de identificar variações e similaridades na promoção da Educação Empreendedora. Além disso, seria interessante investigar o impacto de longo prazo dessas iniciativas na carreira dos estudantes e no desenvolvimento econômico e social local.

## REFERÊNCIAS

- Alves, G. P. L. (2021). *O estudo das políticas públicas para fomento ao empreendedorismo e inovação no município de Itajubá-MG*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Itajubá).
- ANPROTEC, Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores.,(2023). Disponível em: <https://anprotec.org.br/site/sobre/incubadoras-e-parques/>. Acesso em: 13 nov. 2023.

- ASN, Agência Sebrae Notícias. (2023). *GEM revela que mais de 93 milhões de brasileiros estão envolvidos com o empreendedorismo*. Recuperado em 22 de setembro de 2023, de <https://pi.agenciasebrae.com.br/dados/gem-revela-que-mais-de-93-milhoes-de-brasileiros-estao-envolvidos-com-o-empreendedorismo/#:~:text=A%20GEM%20aponta%2C%20pelo%20segundo,47%2C3%25%20em%202022.>
- Araujo, G. F., & Davel, E. D. P. B. (2019). Educação empreendedora pela experiência: o caso do festival de artes empreendedoras em Itabaiana. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 8(1), 176-200. <https://doi.org/10.14211/regepe.v8i1.1053>
- Piqué, J., & Audy, J.L.N. (2016). Dos parques científicos e tecnológicos aos ecossistemas de inovação. Desenvolvimento social e econômico na sociedade do conhecimento. Brasília, DF: ANPROTEC
- Audy, J. (2017). A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. *Estudos avançados*, 31(90), 75-87. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142017.3190005>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo.
- Brasil Junior (2023). *Ranking de Universidades Empreendedoras*. Recuperado em 14 de junho de 2024 de: <https://universidadesempreendedoras.org/ranking>
- Brem, A., & Radziwon, A. (2017). Efficient Triple Helix collaboration fostering local niche innovation projects—A case from Denmark. *Technological Forecasting and Social Change*, 123, 130-141. <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2017.01.002>
- Bruschi, G. F. J., Kampff, A. J. C., & Casartelli, A. O. (2023). Educação empreendedora em uma instituição de educação superior brasileira: caminhos para o seu desenvolvimento. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 16(35), 17180. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v16i35.17180>
- Chais, C. (2019). *Universidades empreendedoras e ambientes de inovação: uma proposta de sustentabilidade econômica para o ensino superior*. (Tese de Doutorado, Universidade de Caxias do Sul).
- Collarino, R. L. X., & Torkomian, A. L. V. (2015). O papel dos parques tecnológicos no estímulo à criação de spin-offs acadêmicas. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, 5(2), 201-225.
- Corsino, M. O. E. S., & Mariani, M. A. P. (2019). Ambiente institucional e empreendedorismo no Brasil: inter-relações no século XXI. *Revista Economia & Gestão*, 19(53), 108-116.
- Dolabela, F., Fillion, L. J. (2014). Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. *REGPE Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 2(3), 134-181. <https://doi.org/10.14211/regepe.v2i3.137>
- Franz, A. H., Leite, E. S., & Rodrigues, M. S. (2020). O processo de empresarização e o discurso da universidade empreendedora: Uma análise da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 28(177). <https://doi.org/10.14507/epaa.28.5325>
- Feil, A. A., & De Conto, S. M. (2018). Análise da Percepção dos Gestores e Empreendedores de um Parque Tecnológico e de uma Incubadora Empresarial. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 13(3), 1-17.
- Gil, A. (2019). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, 7ª edição. Grupo GEN.

- Guerrero, M., Urbano, D., & Gajón, E. (2020). Entrepreneurial university ecosystems and graduates' career patterns: do entrepreneurship education programmes and university business incubators matter?. *Journal of Management Development*, 39(5), 753-775. <https://doi.org/10.1108/JMD-10-2019-0439>
- IASP, International Association of Science Parks and Areas of Innovation. (2023). Disponível em: <https://www.iasp.ws/our-industry/definitions>. Acesso em: 13 nov. 2023.
- Andrade, D. L. I. J., & Sato, C. Y. (2019). Influência da Educação Empreendedora na Identificação de Oportunidades de Negócios. *Revista de Administração IMED*, 9(2), 3-24. <https://doi.org/10.18256/2237-7956.2019.v9i2.3335>
- Kuratko, D. F. (2005). The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(5), 577- 597. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2005.00099.x>
- Lima, E., Lopes, R. M. A., Nassif, V. M. J., & Silva, D. (2015). Ser seu próprio patrão? Aperfeiçoando-se a educação superior em empreendedorismo. *Revista de Administração Contemporânea*, 19(4), 419-439. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac20151296>
- Lima, E., Nassif, V. M. J., Lopes, R. M. A., & Silva, D. D. (2014). Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes—Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2013-2014. Grupo APOE—Grupo de Estudo sobre Administração de Pequenas Organizações e Empreendedorismo, PPGA-UNINOVE. *Caderno de pesquisa*, (2014-03).
- Lopes, D. P. T., Silva, S. A. da, Almeida, C. M. de, & Martins, L. G. R. (2021). An entrepreneurial education ecosystem's analysis, based on a case of a Brazilian public institution. *REGPE Entrepreneurship and Small Business Journal*, 10(3), e2018. <https://doi.org/10.14211/regepe.e2018>
- Nogueira, M. da C. de O. C. (2006). Os discursos das mulheres em posições de poder. *Caderno de Psicologia Social do Trabalho*, 9(2), 57–72. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v9i2p57-72>
- Malecki, E.J. (2018). Entrepreneurship and entrepreneurial ecosystems. *Geography Compass*.12:e12359. <https://doi.org/10.1111/gec3.12359>
- Maioli, S. F. V., & Silva, L. C. S. (2023). O PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DO PARQUE TECNOLÓGICO INTERNACIONAL O NA REGIÃO FRONTEIRIÇA DO BRASIL E PARAGUAY. *P2P E INOVAÇÃO*, 9(2), 293-309. <https://doi.org/10.21721/p2p.2023v9n2.p293-311>
- Martins, M. I. R., Vieira, A. C. P., & Gianezini, K. (2020). Parque Científico e Tecnológico e Desenvolvimento Local. *Cadernos de Prospecção*, 13(5), 1273-1273. <http://dx.doi.org/10.9771/cp.v13i5.28834>
- Moreira, V. F., Maciel, V. D. M., Gomes, A. D. A. J., & Alves, V. Q. (2022). O PAPEL DE INTERMEDIÇÃO DO PARQUE TECNOLÓGICO DA PARAÍBA EM SEU ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO. *Gestão & Planejamento-G&P*, 23(1), 56-72.
- Oliveira, A. G. M., Melo, M. C. D. O. L., & Muyllder, C. F. (2016). Educação empreendedora: O desenvolvimento do empreendedorismo e inovação social em instituições de ensino superior. *Revista Administração em Diálogo-RAD*, 18(1), 29-56. <https://doi.org/10.20946/rad.v18i1.12727>



- Pereira, M. J., Oliveira, E. A. D. A. Q., & Oliveira, A. L. (2016). Origens dos parques tecnológicos e as contribuições para o desenvolvimento regional brasileiro. *Latin american journal of business management*, 7(1). Recuperado de <https://www.lajbm.com.br/index.php/journal/article/view/332>
- Raagmaa, G., & Keerberg, A. (2016). Regional higher education institutions in regional leadership and development. *Regional Studies*, 51(2), 260–272. <https://doi.org/10.1080/00343404.2016.1215600>
- Ruiz, S., & Martens, C. D. P. (2019). Universidade Empreendedora: proposição de modelo teórico. *Desenvolvimento Em Questão*, 17(48), 121-138. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2019.48.121-138>
- Santos, M. O. (2022). *Os parques tecnológicos como motores da competitividade nacional: fomento à inovação aberta e à internacionalização como elementos-chave para a entrada em novos paradigmas tecnológicos*. (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais).
- Guimarães, J. C. & Santos, I. F. (2020). Educação empreendedora: a prática docente estimulando a mente do estudante. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 14(2), 130-151. <https://doi.org/10.12712/rpca.v14i2.41186>
- Schaefer, R., & Minello, I. F. (2016). Educação empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(3), 60-81. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=441747930006>
- Schaefer, R., & Minello, I. F. (2020). Empreender como uma forma de ser, saber e fazer. *RPCA –Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, Rio de Janeiro, 1(4), 160-193. <https://doi.org/10.12712/rpca.v14i1.34722>
- Segatto-Mendes, A. P., & Mendes, N. (2006). Cooperação tecnológica universidade-empresa para eficiência energética: um estudo de caso. *Revista de Administração Contemporânea*, 10, 53-75. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552006000500004>
- Soberón, K. P., Schmidt, S., Bohnenberger, M. C., & Engelman, R. (2020). Acesso a recursos para inovação: um estudo no parque científico-tecnológico da Feevale. *Revista da Micro e Pequena Empresa*, 14(3), 36-53. <http://dx.doi.org/10.48099/1982-2537/2020v14n3p3653>
- Silva, C. P. S., Pereira, E. C. S., & Guimarães, J. C. (2021). EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO ENSINO SUPERIOR: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 15(4), 82-100. <https://doi.org/10.12712/rpca.v15i4.51262>
- United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD) (2011). “*Entrepreneurship Education, Innovation and Capacity-Building in Developing Countries*,” Geneva. Acessado em 10 de Junho de 2024 [http://unctad.org/en/docs/ciimem1d9\\_en.pdf](http://unctad.org/en/docs/ciimem1d9_en.pdf).
- Uliani, A. R. (2018). *O efeito da educação empreendedora na carreira profissional dos estudantes de empreendedorismo*. (Dissertação de Mestrado, Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP)
- Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso* (5th ed.). Grupo A.
- Zúñiga, F. F. U. (2022). *Políticas de innovación y desarrollo productivo: el caso del Parque Tecnológico Carén de la Universidad de Chile*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Chile).